



MUNICÍPIO DA ESTÂNCIA BALNEÁRIA DE PRAIA GRANDE

Estado de São Paulo
SEDUC - Secretaria de Educação

SEMANAS 13 e 14

SALA DE AULA



Disciplina: Língua Portuguesa

8º ano do Ensino Fundamental

Caro(a) aluno(a), esperamos que esteja bem! Para dar continuidade ao nosso tema, você lerá uma reportagem sobre uma amiga de Anne, a holandesa Nanette Blitz Konig. A reportagem foi dividida em duas partes. Você lerá a primeira parte nas semanas 13 e 14 e a segunda parte nas semanas 15 e 16. Bons estudos!

TESTEMUNHAS DO HOLOCAUSTO

Amiga de Anne Frank que resistiu ao Holocausto¹ transmite horrores do nazismo para estudantes brasileiros

A holandesa Nanette Blitz Konig, 90 anos, teve a família destruída na Segunda Guerra Mundial. Oito décadas após início do confronto, a National Geographic resgata as memórias de sobreviventes que residem no Brasil.

Domingo, 1 de setembro de 2019
Por Gabriel de Sá



“A mente não esquece os horrores que vivi”, diz a sobrevivente Nanette Blitz Konig enquanto segura o retrato de Anne Frank. As duas estudaram juntas no Liceu Judaico, em Amsterdã, em 1941. Um dia, a colega “simplesmente desapareceu”.
FOTO DE RAMON MODENESI

décadas, mas são as memórias da fome, do frio, da imundície e do extermínio de sua família que fazem a senhora de 90 anos ter pesadelos ainda hoje. Na casa em que vive ao lado do marido, John Frederick Konig, Nanette recebeu a reportagem da **National Geographic Brasil**, em uma manhã fria de agosto, para reviver com palavras, silêncios e suspiros um dos períodos mais sombrios da história da humanidade, da qual ela foi vítima e é uma sobrevivente. “A mente não esquece os horrores que

Nanette Blitz Konig ministrava, há alguns anos, mais uma palestra sobre o Holocausto em uma escola bilíngue de São Paulo, fundada por imigrantes de origem alemã. Judia nascida na Holanda, Nanette é ela própria uma sobrevivente de um campo de concentração nazista, onde esteve presa entre 1944 e 1945, quando tinha 15 anos. Ao fim da conversa com os estudantes, uma garota veio abraçá-la e, chorando, pediu-lhe desculpas pela tragédia que “seu povo havia causado aos judeus”.

A passagem marcou profundamente Nanette, **radicada**² em São Paulo há mais de seis

“Vou morrer lutando para que os seres humanos não sofram nem percam sua dignidade como aconteceu com os judeus naquela época”

POR NANETTE BLITZ KONIG

NO LIVRO "EU SOBREVIVI AO HOLOCAUSTO"

¹ **Holocausto** – que, em grego, significa “sacrifício por fogo” – é o nome dado ao genocídio de 6 milhões de judeus pelo regime nazista alemão e seus colaboradores durante a Segunda Guerra Mundial, entre 1939 e 1945. Os nazistas, liderados por Adolf Hitler e organizados sob o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, ascenderam ao poder em 1933, na Alemanha, e consideravam-se uma raça superior, vendo nos judeus um inimigo a ser exterminado. O marco simbólico do início da Segunda Guerra é a invasão da Polônia pela Alemanha, em 1º de setembro de 1939, há exatos 80 anos.

² **Radicada:** moradora.

eu vivi”, disse ela, mirando o longe.

Colega de classe de Anne Frank em Amsterdã, em 1941, onde nasceu, Nanette fita o passado sem medo. Nas duas últimas décadas, tem se dedicado a narrar os horrores do Holocausto para estudantes. “Os judeus sofreram à toa, e as pessoas precisam saber disso”, defendeu ela. Elegante, trajando um cardigã azul-marinho e um colar de pérolas, ela retirou de seu baú a **Estrela de Davi**³ amarela que era obrigada a usar nas ruas de Amsterdã para indicar a origem judia[...].

Dias de horror na parede da memória

Nanette teve uma infância leve e cheia de sorrisos em Amsterdã com os pais e dois irmãos – embora um deles tenha morrido de causas naturais ainda criança. As tropas de Hitler, buscando expandir os ideais nazistas e dominar o continente europeu, invadiram a Holanda em 10 de maio de 1940. Poucos dias depois, o país já estava sob o poder dos alemães. As famílias tiveram de declarar oficialmente se seguiam o judaísmo ou não. Logo, os judeus foram vendo seus direitos subtraídos e perderam cada vez mais espaço na sociedade holandesa, independentemente das posições que ocupavam.

Em seu livro de memórias, *Eu Sobrevivi ao Holocausto* (Universo dos Livros, 2015), Nanette descreve a mudança. “Eu não podia mais andar de bicicleta. Transporte público, parques públicos e cinemas também eram proibidos, e vários comércios tinham a placa que me angustiava: PROIBIDO PARA JUDEUS”, escreveu ela. Nanette lembra também que, a qualquer lugar que quisessem ir, os judeus tinham de usar uma Estrela de Davi amarela colada ao braço. Foi este símbolo religioso marcado em um pano amarelado que ela guardou até hoje, “nem sabe como”, e o revelou para a reportagem em sua residência, encarando-o como se não acreditasse no que aconteceu.

A segregação obrigou as crianças judias a estudarem em colégios separados dos demais. Foi assim, em 1941, aos 12 anos, que Nanette tornou-se colega de classe da também adolescente Anne Frank, no Liceu Judaico. O convívio entre as duas durou até julho de 1942, quando Anne, assim como acontecera a vários colegas, “simplesmente desapareceu”. Mas Nanette conta que participou do 13º aniversário da colega, naquele mês, e presenteou-a com um broche. Na comemoração, Anne também ganhou seu famoso diário.

Então com 12 anos, Nanette, os pais e o irmão foram capturados em casa em setembro de

1942 e levados para o campo de transição de Westerbork, na Holanda. Em fevereiro de 1944, a família foi deportada para o campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha. Eles ficaram alojados em um subcampo chamado Campo Estrela, onde tiveram o “privilegio” de manter suas roupas, não terem os cabelos raspados, nem serem forçados a trabalhar. Devido à posição social do pai, diretor do Banco de Amsterdã, a família foi relativamente poupada. [...] Apesar de não ser oficialmente um campo de extermínio, Nanette descreve Bergen-Belsen como um cenário “deprimente e desesperador”, com pouco espaço para a



Retrato de escola de Nanette, que teve uma infância leve e cheia de sorrisos em Amsterdã, na Holanda, antes da invasão das tropas da Alemanha nazista.
FOTO DE ARQUIVO PESSOAL/NANETTE BLITZ KONIG



Na Holanda ocupada pelos nazistas, pessoas de origem judaica eram obrigadas a usar uma Estrela de Davi junto ao corpo. Nanette guardou, “nem sabe como”, o símbolo religioso consigo.
FOTO DE RAMON MODENESI

³ **Estrela de Davi:** leia o SAIBA MAIS.

sobrevivência. “Convivíamos lado a lado com a morte”, escreveu ela. Dentre as medonhas lembranças, estão banhos frios em grupo, o pesadelo interminável da contagem diária de prisioneiros, vasos sanitários imundos, trabalho exaustivo, piolho e doenças como tifo, fome e desnutrição proveniente de uma insignificante refeição diária. “Eles queriam nos matar de fome”, diz ela, contando que pesava cerca de 30 quilos quando foi libertada, em maio de 1945.

O pai morreu em Bergen-Belsen. O irmão foi enviado para o campo de concentração de Sachsenhausen, em Oranienburg, próximo a Berlim; e a mãe para Magdeburgo, ambos na Alemanha. Nanette ficou sozinha a partir de dezembro 1944.[...]

Ela contraiu tifo, doença transmitida por parasitas devido a condições precárias de higiene, mas conseguiu se recuperar, ao contrário de tantos outros prisioneiros de Bergen-Belsen. Sem notícias da mãe nem do irmão e sem casa, Nanette retornou à Holanda em julho de 1945 e, durante os três anos seguintes, ficou internada em um sanatório para sobreviventes da guerra. Ela foi noticiada da morte da mãe, mas nunca conseguiu confirmar o que ocorrera ao irmão em Oranienburg. A sobrevivente mudou-se para a Inglaterra em 1948, aos 20 anos. “Minha mãe era inglesa e eu tinha familiares lá”, conta. Em Londres, conheceu John, o futuro companheiro.

Fonte: <https://url.gratis/xm68o>

Depois de ler o texto, responda às questões em seu caderno:

1. Sobre o gênero do texto lido e sua função, pode-se dizer que
 - a) é um conto e sua função é narrar uma história e ensinar uma lição.
 - b) é uma reportagem e sua função é entreter o leitor por meio de uma ficção.
 - c) é um editorial e sua função é trazer a opinião da *National Geographic*.
 - d) é uma reportagem e sua função é informativa.
2. A assunto central do texto é
 - a) a infância de Anne Frank em tempos do Nazismo.
 - b) as memórias de Nanette, sobrevivente do holocausto.
 - c) a forma pela qual Adolf Hitler tornou-se líder do Nazismo.
 - d) os conflitos que tornaram possível a ascensão do Nazismo.
3. *Literatura de testemunho* é um tipo de produção em que o narrador vivenciou uma situação de trauma histórico ou evento parecido. **Em sua opinião, por que essa forma de relato é importante?**
4. O autor italiano Primo Levi, também sobrevivente dos campos de concentração nazistas e importante representante da literatura de testemunho, afirma que “o *material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos [de concentração] deve ser constituído pelas memórias dos sobreviventes*”. **Você concorda com tal afirmação? Por quê?**
5. Memória coletiva é aquela vivenciada por todos, memória individual diz respeito à experiência singular do indivíduo. Sobre o trabalho de palestras realizado por Nanette Blitz Konig, pode-se dizer que
 - a) trata-se de transformar uma memória individual em coletiva, dada a sua importância histórica.
 - b) trata-se de fazer com que uma memória coletiva transforme-se em individual para desaparecer.
 - c) trata-se de fazer com que uma memória coletiva seja amenizada pela experiência individual.
 - d) trata-se de fazer com que uma memória individual seja amenizada pela experiência coletiva.

6. No trecho “Nanette teve uma infância leve e **cheia de sorrisos** em Amsterdã com os pais e dois irmãos”, **o que significa a expressão em destaque?**
7. O texto relata o fato de que Nanette, por conta da segregação (separação), estudou num colégio judeu onde conheceu Anne Frank, autora do famoso diário. O texto afirma que: *O convívio entre as duas durou até julho de 1942, quando Anne, assim como acontecera a vários colegas, “simplesmente desapareceu”*. **Por que o sumiço de colegas era comum? O que provavelmente ocorreu com Anne Frank?**
8. Nanette, além de dar palestras para estudantes sobre o holocausto, também publicou um livro de memórias sobre o período, *Eu Sobrevivi ao Holocausto* (Universo dos Livros, 2015). Que frase do texto expressa o objetivo dessas ações:
- “Os judeus sofreram à toa, e as pessoas precisam saber disso”.
 - “Eu não podia mais andar de bicicleta. Transporte público, parques públicos e cinemas também eram proibidos (...)”.
 - “Eles queriam nos matar de fome”
 - “Convivíamos lado a lado com a morte”.

SAIBA MAIS: Quer saber mais sobre as histórias de Nanette? Assista a esse documentário realizado pelo jornal gazeta do povo:

<https://www.youtube.com/watch?v=bQpbMglz8Gg>

Saiba mais! Qual a origem da estrela de Davi e o que ela representa?

Não se conhece nenhum registro que permita precisar o local e a data de surgimento do hexagrama, como os místicos chamam a estrela de seis pontas. Sabe-se apenas que ela já era conhecida na Índia por volta de 4000 a.c.. Apesar de ficar mais conhecida como símbolo do Judaísmo, ela nunca foi, portanto, de uso exclusivo dessa religião. “O hexagrama sempre foi, para vários povos, um símbolo de proteção, representando a união do Céu com a Terra”, afirma o filósofo Mário Sérgio Cortella. [...] Já no século XVII, a Estrela de Davi foi consagrada símbolo oficial da comunidade judaica de Praga, na atual República Checa. Dois séculos mais tarde, passou também a representar o Judaísmo da mesma forma que a cruz simboliza o Cristianismo. Por isso, a estrela aparece não só em sinagogas e túmulos, como no centro da bandeira de Israel. O símbolo marcou também um episódio trágico do século XX: o nazismo alemão, que obrigou os judeus a usar, no braço ou nas roupas, uma faixa com uma Estrela de Davi amarela, para serem reconhecidos pelos soldados de Hitler.

Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-da-estrela-de-davi-e-o-que-ela-representa/>



Bandeira de Israel e estrela amarela usada pelos judeus.

9. O texto relata, em determinado momento, que Nanette retira de seu baú a Estrela de Davi amarela, que ela guardou da época do Nazismo. **Por que os judeus eram obrigados a utilizá-la?**
10. Os judeus que eram enviados aos campos de concentração não podiam manter nem mesmo suas roupas e os seus cabelos eram raspados. **Por que, segundo o texto, a família de Nanette não precisou passar por isso?**



Dica de leitura



Caro(a) aluno(a), esperamos que esteja progredindo na leitura d' "O diário de Anne Frank". Na atividade destas semanas, você conheceu uma amiga de Anne que também viveu os horrores do holocausto e viu seus direitos sendo roubados pelo nazismo.

Para estas semanas faremos a indicação da minissérie, em 15 de episódios, baseada no livro de Anne Frank.

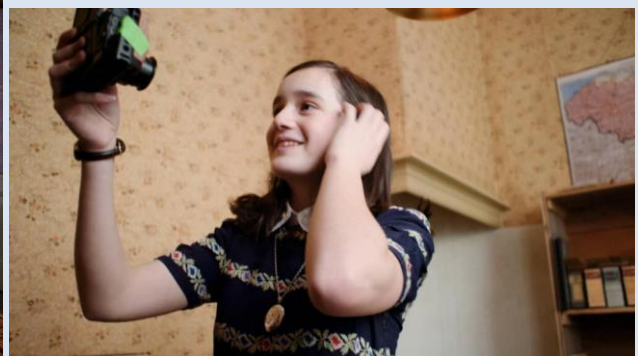


A minissérie tornou-se um sucesso entre jovens pelo mundo. Os vídeos contam de uma nova forma a história da adolescente judia. No canal no Youtube do *Museu Casa de Anne Frank* (que você conheceu na atividade passada), os cliques mostram como seria Anne se em vez de um diário ela tivesse uma câmera para gravar seu dia a dia.

Os vídeos, que têm entre 5 a 10 minutos, já foram vistos mais de 1,5 milhão de vezes. Todos eles têm legendas em português, espanhol, inglês e alemão. Anne é interpretada pela atriz Luna Cruz Perez, que tem uma semelhança impressionante com a adolescente. A atriz fala com a câmera sobre a vida, inseguranças e experiências de Anne com base em trechos de cartas e anotações do diário. No primeiro episódio, a jovem judia mostra sua família e amigos e explica como a vida mudou desde que a Alemanha nazista invadiu a Holanda, e a família foi forçada a entrar no sótão de uma casa ao longo de um dos canais de Amsterdã. Neste primeiro episódio, você também poderá observar o uso do símbolo da Estrela de Davi pelos judeus.

Adaptado de: <https://url.gratis/PIQsn>

Para assistir a minissérie, acesse https://youtu.be/ZWFjgWGI_YE



E, caso ainda não tenha baixado o livro, acesse o PDF, que está nesta plataforma, e boa leitura!